

O meu amigo Dello Maranhão não gostará deste princípio. Ele acha que não se deve dar satisfação a ninguém do que se faz. Passe a caravana, ladrem os cães... Eu poderia, de fato, começar este artigo de outra forma, como já o tinha começado, mas preferi chamar a atenção daqueles a quem desejo me dirigir. Não lhes direi os nomes por três razões: por serem muitos, por saber somente os de alguns e por todos não o merecerem de ser citados. Sei somente, por intermédio de Bricio e de Alvaro, que o DOM CASMURRO recebeu várias cartas protestando contra a publicação dos meus carinhosos artigos sobre D'Annunzio, Carrel e Keyserling. Cada um protesta-va e seu modo, os ataques variavam com a nacionalidade — em geral, eram italianos e alemães — e com a inteligência do seu autor. Esses foram os que protestaram por escrito. Houve até um artigo. Mas houve também quem preferisse falar a escrever. Entre estes últimos, encontra-se um catedrático. Poderemos resumir os protestos dessas comadres a três pontos gerais e comuns a todas elas. El-as, segundo a linguagem de uma delas: é triste ver um moço sem experiência meter-se a criticar alguns dos maiores espíritos do nosso tempo; que isso é irreverência própria da idade e que numa terra policiada não se permitiria a publicação de tais artigos.

Esses protestos darão assunto para dois artigos. Por isso eu agradeço a tão amáveis creaturas. O primeiro é este — o elogio do moço. — O segundo será sobre a irreverência. Aliás, a matéria dos dois se confunde bastante e bem poderia ser resumida em um só, não fosse por questão de medida: de espaço no jornal ou na paciência do leitor. É bem simples explicar a razão do protesto dessas ingênuas pessoas. Os de italianos e de alemães explicam-se por si, pela própria solidariedade nacional e partidária. A dos brasileiros é ainda bem fácil de se explicar. Infelizmente, o Brasil sempre foi a terra do bagaço literário ou filosófico. Isso é coisa velha e revelha. Quando qualquer escola literária ou filosófica, que fez sucesso na Europa já está em decadência é que começam a surgir aqui os seus representantes extremados. Tivemos fanaticos em Spencer, em Comte, em Dürkheim, em W. James; como os tivemos em Anatole em Renan, em Mallarmé, em D'Annunzio. Ainda há pouco estávamos a braços com Freud, com Cocteau, com Spengler. Agora mesmo topamos a cada instante com adeptos comovidos de Zweig, de Boas, de Huxley. Sempre fomos reflexo era concomitante, contemporâneo, de sol a pino ao meio dia; ora atrazado, de soslaio, de sol oblíquo no poente. Tivemos muito mais d'annunziano do que se supõe comumente. Se não me engano, foi nos fins do século passado que o sr. Afranio Peixoto publicou um livro d'annunziano, em varios andares e em várias côres, onde não faltavam o verde o amarelo. Conciliação com a colônia... Até hoje, ele continúa coerente, é ainda d'annunziano, nas suas atitudes, nos seus livros, nas suas frases. Não há dois anos, disse ele numa entrevista que "a literatura é o sorriso da sociedade". D'annunziano exaltadíssimo foi também o sr. Agrippino Grieco no pouco que fez de ficção, em "Amphoras" e "Estas tuas mutiladas". Mas continuou a sê-lo mesmo fóra da ficção, no gosto patente do colorido, na combinação de palavras sonoras, nas tiradas trocadilhistas. Outro d'annunziano é o sr. Gilberto Amado, que como o seu confrade italiano também gosta de ir buscar os seus motivos poeticos

na Grecia antiga, no mar, na mitologia, e que sofre dos mesmos arroubos nervosos e palavrosos. Numa terra assim acostumada a D'Annunzio em que todos são assanhados e retóricos, onde um tal sr. Jayme Cardoso escreveu um livro tão histericamente d'annunziano a ponto de revoltar o plácido sr. Tristão de Ataíde, seria de estranhar uma crítica severa contra o enfático roman-cista dos Abruzzos. É curioso notar-se, de outro lado, como quasi todos os medicos do Brasil foram, eram ou são d'annunzianos. Talvez isso se explique pelo material de estudos nervosos a aproveitar, pelo sensualismo satisfeito, pelo falso gosto clássico, que sei eu O escrever contra D'Annunzio não tem nada a vêr com sociedade policiada ou despoliciada, o que tem é a vêr com seriedade, com normalidade, com sentido humano, equilibrado e honesto da literatura. As páginas mais violentas escritas contra D'Annunzio são contemporaneas do seu proprio apogeu, e o foram na propria Italia e na França. Muitas datam de mais de trinta anos e nenhuma conta com menos de dez anos de publicação. São elas: um estudo de Papini, de Lombroso, de Pistolet, de Thovez, de Maurevert, de Maynial. No ponto de vista dos plágios de D'Annunzio, o meu papel foi o de simples cicerone, de informador, de intermediario...

O outro ponto do protesto — e que encherá todo este artigo — é o do moço da pouca idade, da inexperiencia. É este o eterno argumento dos velhos e dos fracassados. Conheci um illustre engenheiro, de 5 anos de idade, que gostava muito de conversar e discutir sobre todos os assuntos, literarios, filosoficos, sociologicos juridicos e até mesmo de engenharia. Durante a conversa, enquanto êle se mantinha firme e á altura do assunto, não havia melhor companheiro. De repente, alguém dava um aparte decisivo contra o seu ponto de vista, êle ficava calado, fingia que estava meditando. Se perguntado pelo porque do seu silencio, êle saía-se com essa ingênua resposta: "fulano é muito criança para discutir comigo e muito mais ainda para querer me contradizer". Essa pequena historia, que é verdadeira, vale como um simbolo. O argumento do engenheiro em questão — e também de muito bom catedrático — é da mesma natureza do "credo quia absurdum", de Agostinho e de todos os tabús dos selvagens. Já não pertence á categoria dos processos logicos, racionais, compreensivos. Passou a ser um dogma, uma crença, um irracional em suma. Chegou ali, já de nada valem os dialogos, a presença de espirito, a lucidez. Só há um meio de convencer o velho interlo-cutor e sair dessa situação: pegar o chapéu, dar boa noite e ir-se embora.

Só os ignorantes e os velhos precoces é que lançam mão desse expediente. Porque um Goethe, por exemplo, que procurou sentir-se moço toda a vida, tinha imenso prazer em conversar com um joven. E talvez o preferisse a Eckermann ou a um velho como êle. Só os que nunca tiveram mocidade, os que nunca sentiram a tragedia da vida, é que fazem separação estanque entre as idades, como se todos os seres humanos não vivessem misturados na mesma confusão e no mesmo drama. Já disse alguém que essa historia de geração cheira muito a maternidade, mas, com cheiro ou sem cheiro, somos agora obrigados a falar nela. E aliás, deve cheirar. Porque sem ela nem eu, nem o catedrático existiríamos neste instante, eu não teria escrito contra d'Annunzio e nem ele o teria lido. Dizem os que viveram antes da guer-

ELOGIO DO MOÇO

(100)

De EVARISTO DE MORAES FILHO

(Especial para DOM CASMURRO)

ra, e entre eles o meu querido pai — sempre moço —, que a geração de após-guerra encara a vida completamente diferente da anterior e mesma. Sobre isso, como ninguém o ignora, já foram escritos muitos livros, já houve depoimentos de todas as gerações. O que importa aqui é mostrar como a nova geração leve a vida muito mais a sério. Hoje, noventa por cento dos rapazes precisam trabalhar para viver. Já não ha mais mólgada para se passar a vida metido em cafés, a fazer literatura e consumir chopos. O moço de hoje é dos que nascem com dentes. Já não é fenómeno, é caso comum. Aos seus primeiros passos, ele fica logo sabendo que existe bomba, canhão, metralhadora. Ainda criança, ele sabe que os homens se matam na guerra, que os pobres morrem de fome, que os desafetos políticos são prêsos e, às vezes, fuzilados. E uma vida assim tão tragica o força a meditar, a criança se sente desde cedo presa á vida de todos os outros. O moço de hoje prefere estudar filosofia, sociologia, compreender o mundo e a sociedade, a fazer poesia. E quando a faz, é uma poesia diferente da anterior á guerra. A poesia do moço de hoje parece-se muito com a de um outro moço que foi o maior poeta do Brasil. Um Castro Alves, que foi uma exceção no seu tempo, é hoje um estado de espirito coletivo. A geração de hoje vive Castro Alves. Foi o que Pfander disse de Nietzsche. O filósofo de Sils-Marla viveu sózinho toda uma situação social que estava se formando. Hoje, cada moço é um Nietzsche. Mas, como todos o são igualmente, ninguém se sobressai. Nenhum moço de hoje é apãnhado de surpresa. Todos já têm sua concepção do mundo e da vida, como soldados que se preparam para uma batalha decisiva. Desde cedo cada um tem o seu ponto de vista, como cada casa de hoje que possui a sua mascara contra gizes asfixiantes. Foi a própria vida quem os forçou a tomar posição. E tomada de posição significa argumentar, dizer por que é. Por isso que ninguém se decide, sem dar-se conta a si e aos demais do que está fazendo. Toda a geração da guerra é irreverente e critica, ao mesmo tempo que é precoce. Ou melhor, não ha mais precocidade, porque todos o são do mesmo modo. O moço de hoje não indaga a idade dos que se lhe atravessam no caminho. Nisso, ele se sente bem um herdeiro dos dadaístas. Lê os mesmos livros dos mais velhos, vive a mesma vida que eles e por isso tem o direito de julgá-los e atacá-los. O moço de hoje é um velho de antes da guerra. Resolve em um minuto o que o outro levava um mês. A vida contemporânea atua como um catalizador, acelera o tempo de reação. Nietzsche mandava que cada um se consumisse na sua própria chama, hoje nos sentimos consumir juntos em uma mesma chama. Estamos todos dentro de uma mesma atmosfera de gaz asfixiante. Temos pressa em respirar.

E' no proprio Keyserling que iremos encontrar a apologia do moço. Encontram-se ás paginas 19, 22, 25 e 28 de suas "Figuras Simbólicas", edição de Buenos Aires. Na primeira diz ele que os medicos acham que os seus 45 anos — o livro foi escrito em 1925 — equivalem a 20, fisiologicamente. E termina assim: "e eu espero, contudo, conservar durante muito tempo esta vitalidade juve

nil porque só ela é produtiva". A' pagina 22, diz Keyserling que a idade de só existe em função dos outros, porque cada um tem uma idade essencial. Ha velhos eternos, e ha moços eternos. A' página 25, informa Keyserling ter terminado o seu doutorado com 22 anos de idade, com um tése sobre geologia. Finalmente, confessa ele á página 28 que a maior parte do que ele leu e aprendeu a respeito do futuro, o fez entre 1901 e 1903 isto é, de 21 a 23 anos de idade. E' neste ultimo ponto que desejo me demorar mais um pouco. O homem em face da vida é como o casulo que se transforma em borborleta, ou como o primeiro vôo do passaro. Ele vai acumulando, sofrendo, observando, concluindo, até que um dia dá-se a ruptura do ultimo obstaculo: é a descoberta da vida. Cristaliza-se a sua concepção do mundo e da vida, já agora sem deslumbramentos e sem surpresas. Ele já tem o seu plano acabado, a vida já está classificada. Nada mais o fará mudar de rumo, seu ponto de vista é humano, é universal, é ecumenico. Isto quer dizer que não se trata de acontecimentos pequenos, de experiencias quotidianas de trôco miúdo. Se ele possui uma nota de cem mil réis, para que trocá-la em níqueis de tostão? Se ele tem o todo, para que a parte? O sábio não invalida uma lei de ordem geral por um simples caso de exceção. O que é preciso é ter vivido o mínimo necessário para poder concluir pelo resto. Isto é, quando se valoriza a vida levam-se em conta todos os elementos que a compõem. Não importa tê-los vivido ou não, basta algum ter vivido por nós e nos ter dito o que sentiu. Quando algum diz que a vida é má ou boa, di-lo pelo que ela possa lhe oferecer de melhor ou de pior sem se preocupar com o que lhe venha a acontecer. Valoriza-se a vida como um todo. Para experimentar o seu avião, que iria fazer a volta do mundo, Hughes vôou sómente sobre New York, como experiencia. Não precisou completar a volta inteira, como experiencia. Se o tivessem feito seriam duas voltas, e talvez não conseguisse realizá-las. A humanidade encontra-se por toda parte onde haja seres humanos em conjunto, dentro de um onibus, de uma igreja, de uma cadeia. E como a vida é uma rotina, o que importa é a capacidade de viver e não a vida só. Ha um fundo permanente de conhecimento psicologico e moral, os estímulos é que variam ao infinito. Para valorizar a vida não é preciso saber o que provoca dor ou prazer, o que é belo ou feio, o que é certo ou errado. E' o bastante saber que existe dor, prazer, odio, amor, alegria, tristeza e tê-los experimentado pelo menos uma vez na vida. No "Man and Superman", na parte final das máximas para revolucionistas, disse Shaw estas palavras decisivas sobre o que venho afirmando: "Os homens são sábios em proporção, não de sua experiencia, mas sim de sua capacidade para a experiencia. Se pudessemos aprender por má experiencia, as pedras de Londres seriam mais sábias do que ninguém na cidade". Alguns anos antes de Shaw, já Nietzsche havia dito que a simples vida não é argumento. Ha muitos aturdidos nesta vida, e que

quanto mais a vivem, ficam mais idiotas. Dizia Loti que se as viagens instruissem, os marinheiros seriam uns sábios. Isto tudo significa que um homem tem a idade da sua cultura e da sua inteligencia. Ha, infelizmente, os anormais, os atraçados, os loucos, que ficaram parados em um estadio inferior de civilização. Quanto mais vivem, tanto mais regridem e menos aprendem. São como os fracos que se confundem em face da realidade. Desde que existe documento escrito que o homem aprende com ele. E' o homem de Pascal, que caminha sempre, que aprende continuamente. Ao lêr a Bíblia ou o Alcorão, um homem do nosso século adquire a experiencia dos antigos hebreus ou dos máhometas. Isto tudo é para provar que ninguém necessita ter 90 anos para discutir com um velho dessa idade. Basta ter lido os livros que esses velhos escreveram para se ter adquirido a sua experiencia, ou melhor, para se ter adquirido a capacidade da sua experiencia. Não se trata aqui da sinceridade ou da honestidade do que foi escrito. Se alguém fosse esperar ter alcançado uma certa idade para concluir sobre a vida, morreria sem nunca ter concluído nada, como o erudito que espera eternamente pelo ultimo livro sobre a sua materia para então escrever. O que vale, repito mais uma vez, é a capacidade para a vida. Tanto é isso que a maioria dos homens tem um julgamento acabado da vida, sem nunca ter viajado de avião, sem nunca ter ido ao fundo de uma mina, sem nunca ter ido ao Polo Norte, ao Sul, ás florestas da Africa. Sem nunca ter sentido a fome, o desespero de uma guerra, o acabrunhamento de um adulterio conhecido de todos. Antes de Nietzsche, de Shaw, de Loti e de Keyserling, já Cornelle havia dito a mesma coisa, na cena II, ato II, do seu Cid. Em resposta ao Conde por tê-lo chamado de joven presunçoso, disse D. Rodrigo: "Parle sans t'émouvoir. Je suis jeune, il est vrai; mais aux sabendo que existe bomba, canhão, metralhadora. Ainda criança, é guerra, que os pobres morrem de

"Parle sans t'émouvoir. Je suis jeune, il est vrai; mais aux ames bien nées, La valeur n'attend point le nombre des années".

Nada disso significa vocação, missão, predestinação, tão a gosto de Keyserling. Significa sim, que a experiencia só de nada vale. Porque ha muitos confundidos na vida e que nem a compreendem ou a estudam,

sofrem-na sómente. Suportam-na passivamente. Era a isso que Schopenhauer exclamava: que adianta eu ter soffrido e chorado muito, se na hora da vingança eu deixo passar a minha oportunidade? E' deixar fugir pela janela, a experiencia que se adquiriu penosamente pela porta. E na vida comum quasi todos procedem assim. Não é a simples quantidade de experiencia que importa. O que importa é o ter refletido e concluido sobre essa experiencia, é o que os alemães chamam de vivencia. Isto é, tornar conciente e interior a nós o que de vida vivida vai pelos nossos sentidos e pelos nossos sentimentos. A experiencia é o simples material em bruto, a vivencia é essa experiencia refletida, pensada, tornada atividade conciente. A experiencia é o empirico, o simples costume mecanico, a prática; a vivencia é o teorico, o geral a doutrina. E já Chesterton mostrou em "What is the wrong with the World" que os homens práticos só são capazes de resolver as dificuldades que já foram resolvidas antes, das que éle já tem experiencia prática; ao passo que as verdadeiras dificuldades, as que acontecem pela primeira vez, só podem ser solucionadas pelo homem teorico, pelo que concluiu da prática toda do outro. A vida em si é a experiencia, o homem prático, vai rente ao chão, precisando senti-lo para saber o seu caminho, é o homem sem bússola. A capacidade de vida é a vivencia, o homem teorico, o que vóa na maior das escuridões e dos nevoeiros, sem ver a terra e os obstaculos do seu caminho, e que vai ter ao seu ponto desejado. A capacidade da vida está para o moço, como a máquina de explorar o tempo de Wells para as três dimensões da vida comum: permite-nos viajar no tempo e ir além da maioria dos mais velhos. Essa máquina de explorar o tempo foi construida por todas as gerações que precederam á que a usa. E o que representam quarenta, cinquenta, ou setenta anos em face dos milênios de civilização? Nada, ou quasi nada, o mesmo que um grão

de areia no deserto de Sahara. Se alguem quizesse aprender pela sua simples vida pessoal, sem conhecimento dos que viveram antes dele morreria ignorante aos cem anos. Ou faria como certos sujeitos que por não lêr o que muitos outros já escreveram antes dêles, se têm como originals. E qual a base de toda a educação, sinão essa? Toda a educação repousa na crença de que a experiencia é transmissivel de uns a outros, como o pai que ensina o officio a seu filho. Dái ter dito Dewey talvez em resposta a Spengler, que as decadencias das civilizações serão impossiveis enquanto existir quem conheça os mecanismos teoricos que as fundamentam.

Toda a educação se baseia na capacidade de viver, como a mãe que ao dar á luz, lança ao mundo um ente humano capaz de viver como elle propria.

Na vida, como em quimica, em matemática, em cofre, em excursão, o que importa é a fórmula, é o mapa. Viver simplesmente é ser apanhado de surpresa, é esperar o acontecimento, é como o soldado que se arrasta ás cegas em busca do inimigo. Ter capacidade para viver é apanhar o inimigo de surpresa, é ir ao encontro do acontecimento, é como o piloto que se alteia no terreno para descobrir-lhe as irregularidades. Viver é vêr a vida a olho nu, ter capacidade de viver é vêr vida de binoculos. Por isso é que ha os jovens-velhos e os velhos-jovens, e só os que nunca tiveram mocidade, os que não têm nada mais a dizer, é que lançam mão de argumentos de idade em materia de julgamento, de cultura, de valor. Em face da idade do mundo e da existencia de documentos humanos, não ha moços nem velhos. Por isso, são completamente justas para este fim as belas palavras de Anatole France — que foi um eterno moço-velho ou velho. moço — ao apresentar o livro "Les plaisirs et les jours", de Marcel Proust: Sans doute il est jeune. Il est jeune de la jeunesse de l'auteur. Mais il est vieux de la vieillesse du monde".